



SEÇÃO: ENSAIOS

Pelos olhos da criança: ancestralidade, guerra e política em Ondjaki

Through a child's eyes: ancestry, war and politics in Ondjaki

Rachel Lourenço¹

orcid.org/0000-0002-5391-3343
rachel.lourenco.correa@gmail.com
[com](http://www.com)

Jorge Morais¹

orcid.org/0000-0001-8097-3600
jermorais@hotmail.com

Recebido em: 11/11/2019.

Aprovado em: 13/4/2020.

Publicado em: 25/2/2021.

Resumo: Este artigo analisa a presença da ancestralidade, da guerra e da política na obra de Ondjaki, autor angolano contemporâneo, do ponto de vista de personagens infantis de cinco romances: *Os da minha rua*, *AvóDezanove e o segredo do soviético*, *A bicicleta que tinha bigodes*, *Uma escuridão bonita*, e *Bom dia camaradas*. A ancestralidade em Ondjaki remete à tradição de muitas sociedades africanas: os antepassados permanecem como parte da família e participam da vida cotidiana, mesmo após a morte. A guerra civil do país se mostra de maneira sutil e leve, inclusive com traços de humor. A política permeia o cotidiano das personagens, com a presença das forças do Estado e de estrangeiros (cubanos e russos, em sua maioria) atuando como militares, médicos e professores em Angola. Podemos concluir que o autor lida com esses conteúdos com grande sensibilidade e de maneira poética, apesar da complexidade de tais temas.

Palavras-chave: Ondjaki. Literatura angolana. Representação da infância.

Abstract: This article analyzes ancestry, war and politics in the literary works by Ondjaki, contemporary Angolan writer from the point of view of children characters of five novels: *Os da minha rua*, *AvóDezanove e o segredo do soviético* (*Grandma Nineteen and the Soviet's secret*), *A bicicleta que tinha bigodes*, *Uma escuridão bonita* and *Bom dia camaradas* (*Good morning comrades*). Ancestry in Ondjaki is portrayed according to the tradition in several African societies: ancestors remain as a part of the family and take part in its daily life, even after dying. The civil war is unveiled in a subtle and light way, including humorous features. Politics permeates the characters' daily lives, with the presence of government forces and of foreigners (mostly Cubans and Russians) working as military, physicians and teachers in Angola. We can conclude that Ondjaki addresses these contents with great sensitivity and in a poetic way despite the complexity of such topics.

Keywords: Ondjaki. Angolan literature. Childhood representation.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir as relações entre infância, ancestralidade, guerra e política em Angola em algumas obras de Ondjaki: *Os da minha rua* (2007), *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2009), *A bicicleta que tinha bigodes* (2012), *Uma escuridão bonita* (2013), e *Bom dia camaradas* (2014).

O recorte feito para este estudo foi de textos classificados como literatura infantil ou infanto-juvenil. Uma das dificuldades em classificar uma obra como literatura infantil, literatura juvenil ou ainda literatura infanto-juvenil é delimitar a idade em que deixamos de ser crianças para sermos adolescentes e o momento em que nos tornamos adultos, a partir



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

de quando, supostamente, não mais lemos esse tipo de literatura para nos dedicarmos à leitura de literatura (sem adjetivos). Há uma série de problemas na cadeia explicitada acima, desde a restrição da literatura produzida para não adultos, relegada a um status menor, passando por uma classificação que atende, exclusivamente, a interesses comerciais ou editoriais, até a premissa de que esse tipo de literatura não nos interessa mais quando nos tornamos adultos. Na verdade, a classificação de uma obra para o público mais jovem pode ser mais simples e objetiva, com enfoque exclusivo na qualidade do texto. Segundo Silva

[...] os públicos infantil e juvenil têm constituído, nos últimos anos, uma fatia importante das publicações editoriais; contudo, a diferença entre um bom texto para crianças ou adolescentes e um bom texto para adultos reside principalmente no aspecto visual da obra e não no texto em si (2014, p. 124).

Em qualquer idade, e para qualquer público, a preocupação que devemos ter é a de que o texto tenha qualidade e, no caso de literatura para não adultos, que a linguagem verbal e não verbal seja acessível. Para Machado (2001, p. 125), literatura infantil "não tem nada a ver com livros para crianças. Tem a ver com literatura, arte da palavra, beleza, ambiguidade, polissemia, qualidade do texto". Em outras palavras, literatura infantil tem a ver com a possibilidade de fruição estética transformadora por parte do leitor em formação.

No caso de Ondjaki, temos um autor que escreve para qualquer público com a mesma qualidade e dedicação. Para o público infantil e juvenil, em especial, o texto é produzido com alto teor poético e tratamento gráfico primoroso, com personagens e enredos que encantam e inspiram. Silva afirma que, na escrita de Ondjaki

[...] a infância é esse território de resistência, zona sagrada que guarda a essência de verdade do homem. Seja na construção das personagens infantis, seja na temática dos poemas, a infância tem se constituído, em suas histórias, como um lugar privilegiado de conhecimento do mundo, mediado pela linguagem poética. [...] A infância é o lugar onde [...] é possível a eclosão de valores essenciais do ser humano, promovida pela força mágica e inquietante do desejo (2015, p. 134).

A título de exemplo da infância como "lugar privilegiado de conhecimento do mundo, mediado pela linguagem poética" (2015, p. 134), temos a justificativa do personagem narrador de *Uma escuridão bonita*, que afirma inventar estórias "para a nossa escuridão ficar mais bonita" (ONDJAKI, 2013, p. 105). Temos, ainda, um trecho de *A bicicleta que tinha bigodes*, que revela a relação carinhosa que Isaura, amiga do personagem narrador, tem com os bichos da sua casa e da rua, dando-lhes nomes próprios e observando-lhes o comportamento. Acerca da lesma Senghor, acontece o seguinte diálogo:

- Está assim adoentada. [...] Estava parada a não ir a lado nenhum.
- As lesmas nunca vão a lado nenhum, Isaura...
- Vão sim. Procuram comida e vão visitar outras lesmas.
- Como é que sabes?
- Conheço as lesmas da nossa rua.
- Todas mesmo?
- Todas.
- E és médica de lesmas?
- Não, mas sei quando não estão bem. São como as pessoas.
- Fazem quê?
- Não visitam os outros (ONDJAKI, 2012, p. 68-69).

Portanto, neste artigo, o enfoque não será na classificação dos trabalhos de Ondjaki aqui analisados como obras de literatura infantil. O objetivo é tomar como ponto de partida o protagonismo das personagens infantis e analisar como se revelam os aspectos de ancestralidade, guerra e política nas falas dessas personagens. Importa a beleza da linguagem poética e a delicadeza com que esses temas são abordados.

1 Um autor angolano da contemporaneidade

Ondjaki é herdeiro da tradição literária de Angola e dialoga com autores angolanos de expressão portuguesa, seus predecessores, entre os quais Luandino Vieira, Agostinho Neto, e Pepetela.

O autor também cita nomes de autores brasileiros como influenciadores da sua obra: Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Manoel de Barros, Guimarães Rosa, entre outros. Além desses autores, em entrevistas diversas, como a concedida ao *Programa Roda Viva*, de 15 de janeiro de 2007, e na obra *Os da minha rua*, Ondjaki cita as novelas brasileiras (*Roque Santeiro*, *Fera Ferida*) e cantores e compositores brasileiros (Roberto Carlos, Adriana Calcanhoto) como influências.

Em *A bicicleta que tinha bigodes* (2012) ele faz uma homenagem ao escritor angolano Manuel Rui, autor de *Quem me dera ser onda* (1982), que, carinhosamente, vira personagem da história, o tio Rui. Há, também, referência direta ao texto *Nós matamos do cão tihoso* (1964), do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana, por meio da personagem Isaura, uma homenagem à Isaura de Honwana. O mesmo acontece em *Os da minha rua* (2007), um livro de contos a respeito da sua infância e adolescência em Luanda. Com a dedicatória "para a Isaura. Para o Luís B. Honwana", o conto "Nós choramos pelo cão tihoso", presente no livro, é uma homenagem ao autor.

Uma tendência no trabalho de Ondjaki é a autoreferencialidade às próprias personagens em obras diferentes. Em *Uma escuridão bonita* (2013), temos a presença da AvóDezanove, cujo apelido é tema de conversa entre os adolescentes na varanda. Essa mesma personagem está em *A bicicleta que tinha bigodes* (2012), dessa vez com expressão muito maior, pois é com ela que o narrador mora e é quem o incentiva a escrever a história para a Rádio Nacional. Ondjaki escreveu um livro cujo título lhe dá destaque, *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2009), vencedor do Prêmio Jabuti em 2010, em que o segredo acerca do seu apelido é desvendado.

O mesmo se dá com as personagens Charlita, SenhorTuarles, TioChico, TiaRosa, TioVictor, entre outros, que tomam vida em *AvóDezanove e o segredo do soviético*, *Os da minha rua* e *Bom dia camaradas*. No caso da personagem Charlita, por exemplo, descobrimos um pouco a seu respeito com a leitura de cada obra. Ela e suas quatro irmãs têm problema de vista, mas apenas Charlita

tem um par de óculos. Por esse motivo, quando veem novela, revezam o uso dos óculos, mas Charlita tem direito a usá-los para ver as cenas mais importantes, porque é a dona. Descobrimos, também, que seu pai é dependente químico de álcool e que esse problema causa grande frustração à Charlita, quando o pai a leva para Portugal para conseguir óculos novos, mas termina por não a levar ao médico, porque havia se embestado. Essa revelação gradual das dimensões da personagem oferece ao leitor a sensação de se aprofundar no conhecimento da personagem como se ela fosse uma pessoa real, e não uma personagem de ficção, assim como acontece com as pessoas que conhecemos e que se revelam aos poucos, com a convivência e o tempo.

Outra característica marcante no trabalho de Ondjaki é a presença de personagens infantis. O autor afirma aprender sobre a vida e sobre como ser mais alegre com as crianças. Um exemplo dessa aprendizagem é a palestra TEDx "Estiga: o lugar da criatividade" (ONDJAKI, 2014), em que o autor discute o significado de "estiga", explica como esse jogo verbal e intelectual é praticado pelas crianças de Luanda e exhibe as gravações que fez de uma série de batalhas de estiga nas ruas. Em *Bom dia camaradas* (2014), por exemplo, o autor faz referência à "estiga" como um jogo entre o personagem narrador e os meninos que ele conhece na Rádio Nacional:

[...] fomos lá para o pátio. Estivemos durante algum tempo a fazer troca de disparates e de estigas. Aqueles miúdos não me aguentavam nas anedotas, mas tinham estigas que podiam fazer uma pessoa chorar. Ao contrário das estigas da minha escola, aquelas eram muito curtas, muito simples, mas muito fortes (ONDJAKI, 2014, p. 34).

A estiga é um jogo verbal que funciona como uma batalha entre dois oponentes. Há uma sucessão de provocações, e perde o participante que não consegue retrucar à altura uma provocação. Geralmente, uma estiga faz referência aos atributos físicos do participante ou de algum membro da sua família.

Temos, portanto, um autor angolano da contemporaneidade, que dialoga com as suas influ-

ências no universo lusófono, e cujas personagens referenciam o próprio trabalho e também o de outros autores. Sua abordagem dos temas da ancestralidade, da guerra e da política, por meio do olhar de um menino que cresce em Luanda, é um convite a fazer uma releitura da realidade, com o estranhamento que o tratamento estético dos temas proporciona.

2 Ancestralidade

Segundo Leite (1997, p. 110), "o princípio histórico estabelecido pelos ancestrais [nas sociedades africanas] é elemento objetivador das regras mais decisivas que regem a estrutura e a dinâmica dessas sociedades". Trata-se da centralidade do familiar mais velho na comunidade. Suas orientações, opiniões e conselhos são essenciais para os mais jovens, que neles se baseiam para se transformarem em adultos e futuros ancestrais. Nessas culturas, os ancestrais têm papel primordial, uma vez que são o elo entre o presente e o passado e carregam consigo a história da linhagem, além de serem os transmissores dos valores e tradições da comunidade. Na obra de Ondjaki, os ancestrais têm grande relevância. Como exemplo, discutiremos o papel das personagens AvóDezanove e AvóCatarina.

Em *Uma escuridão bonita*, a AvóDezanove aparece raras vezes, para perguntar se "está tudo bem". Percebe-se que ela tem o papel de guardiã dos adolescentes que estão na varanda, ao velar por seu bem estar. O mesmo se dá em *A bicicleta que tinha bigodes*. Ali, o personagem narrador mora com a avó e não menciona seus pais, o que nos leva a crer que ela é a responsável por ele. Em várias ações cotidianas, a AvóAgnette (ou AvóNhé) transmite valores como a tolerância à escassez de recursos materiais. Ela deixa de comer o café da manhã para que o neto possa comê-lo, assim como dilui o suco em mais água, para que possa servi-lo a mais pessoas. Podemos perceber que ela procura conviver da melhor maneira com os percalços diários como nessa cena de *AvóDezanove e o segredo do soviético* em que insiste em regar as plantas mesmo sem água:

A Avó pediu-me para ir ver se a torneira tinha água.

Àquela hora ela sabia muito bem que não havia água, mas fiz-lhe a vontade, abri assim a torneira a olhar para ela, fechei de novo, arrumei ainda a mangueira que já estava arrumada [...]

– Se eu estivesse boa, regava mesmo assim.

– Com água de fingimento, Avó? Também acho que só deves fazer isso em casa, senão as pessoas vão pensar que não tens juízo.

– É que regar faz bem às plantas mas também faz muito bem a quem rega. Mesmo sem água de verdade, como tu dizes (ONDJAKI, 2009, p. 114).

Para Silva e Freire (2016, p. 153), nas sociedades africanas "a avó representa um modelo mais positivo de feminilidade, não autoritário, tornando-se frequentemente o abrigo emocional da família, gozando de enorme respeitabilidade". Elas ainda afirmam que "seu conhecimento atua sempre na educação das crianças e jovens, cuja função é dar prosseguimento aos valores e saberes do grupo familiar e comunitário" (SILVA; FREIRE, 2016, p. 154). Nos exemplos citados acima, a mensagem transmitida pela AvóDezanove parece ser a de que é preciso perseverar, mesmo que não haja meios aparentes para isso. É importante notar que a avó não reclama, mas isso não implica fazer apologia à passividade ou ter uma atitude fatalista. Ainda nas palavras de Silva e Freire (2016, p. 154), "a velhice não tem como imagem o descimento das forças e funções orgânicas: o idoso é aquele que viveu muito; é valorizado e respeitado por isso". À sua maneira, a avó transmite ao neto uma visão positiva sobre como enfrentar as adversidades.

Leite (1997) afirma que, nas culturas africanas, um dos elementos vitais constituintes do homem é o princípio de imortalidade, que:

[...] é inexaurível e indestrutível, resistindo plenamente com sua individualidade e características, aos efeitos da morte. [...] Após o fim da existência visível, [...] volta a fazer parte da comunidade através dos recém-nascidos da mesma família ou insere-se na massa de antepassados privativa do grupo social a que pertence, daí nascendo a figura do ancestral, com a qual a sociedade mantém relações privilegiadas (LEITE, 1997, p. 107-108).

Dessa maneira, o ancestral é reintegrado à vida cotidiana após a morte física, por meio do

nascimento de membros da família ou como parte dos ancestrais daquele grupo, e volta a incorporar aquela comunidade, com papel relevante. Nessas “relações privilegiadas” os ancestrais são conselheiros e têm o papel de orientar os membros vivos da família. Ainda segundo o mesmo autor,

Nessa complexa proposição da existência, que coloca *a morte dentro da vida*, os ancestrais negro-africanos constituem, juntamente com a sociedade e sem dela separar-se, um princípio histórico material e concreto capaz de contribuir para objetivação da identidade profunda de um dado complexo étnico e das suas formas de ações sociais (LEITE, 1997, p. 110, grifo nosso).

Ou seja, além de aconselhar, os ancestrais também têm o papel de preservar a identidade da família, por meio da conservação da memória do grupo e das suas ações, participando das suas vidas mesmo após a morte. Estão plenamente inseridos na sociedade e não deixam de fazer parte dela apesar de não mais existirem fisicamente.

Além da AvóAgnette, uma personagem de destaque em *AvóDezanove e o segredo do soviético* é a AvóCatarina. No início do livro, essa personagem se comporta de maneira excêntrica. Todos os dias, faz questão de fechar as janelas, que já estão fechadas, de modo que ela abre e fecha “o par de janelas com estrondo, para que ninguém duvidasse que as janelas estavam mesmo abertas” (ONDJAKI, 2009, p. 18). Ela é descrita como uma pessoa cheia de manias, que faz comentários mórbidos ou sarcásticos, sempre a mencionar a morte (“a morte bate sempre forte lá portal”; “a morte é a nossa próxima casa”; “[um gole de bebida quente no chão] para aqueles que já se foram e que esperam pelos outros”). Contudo, à medida que o enredo se desenvolve, percebemos que se trata de uma personagem misteriosa, que nem todos veem e que não fala com todos:

O camarada médico cubano [...] só não viu a AvóCatarina que estava num canto, calada, com as roupas pretas a olhar para nós.

[...]

– A Avó não vai descer para ouvir as conversas cubanas do camarada médico TruzTruz?

– Não gosto de aparecer aos estranhos, meu querido – a AvóCatarina parecia triste na voz,

fechou as janelas do quarto que ficou muito escuro. – Desce, meu querido, podem precisar de ti para entender a língua cubana.

– Ficas aqui sozinha, Avó, sem luz nenhuma?

– Já não tenho medo do escuro (ONDJAKI, 2009, p. 48-49).

Nesse momento, começa a se delinear uma personagem ancestral, que transita entre os dois mundos, dos mortos e dos vivos, e que serve de elo entre gerações. A AvóCatarina não é vista por todos, sempre: “Não ouvi vozes em casa, a Avó devia ter saído com alguém e chamei duas vezes, mas a AvóCatarina não respondeu. Se calhar era cedo demais para ela aparecer” (ONDJAKI, 2009, p. 51). Percebemos que ela “aparece” em momentos de decisão e aconselhamento na família:

– Os dedos, repito, podem tirar quantos quiserem que eu enfio o pé no sapato e ninguém vê. Mas de bengala é que não. Nem muletas. Era o que faltava o meu falecido marido ver-me agora, com esta idade, a andar de muletas.

– Mãe, posso marcar a operação?

A AvóNhé olhou para mim, mas não era comigo que ela queria falar. Eu fiz um sinal à AvóCatarina, que desceu dois degraus. A AvóCatarina sorriu.

– Mãe?

– Podes marcar. Mas hoje temos festa (ONDJAKI, 2009, p. 65).

Esse trecho menciona dois ancestrais. Em primeiro lugar, refere-se ao falecido marido da AvóNhé. Ela revela constrangimento ao dizer que não quer que ele a veja andando de muletas. Percebemos que ela acredita que ele está por perto e que a verá, o que corrobora a presença do ancestral morto na vida cotidiana da família. O segundo ancestral mencionado é a AvóCatarina, cujo sorriso significa autorização, uma vez que apenas após esse gesto a AvóNhé decide se submeter à cirurgia.

Aqui percebemos o que Padilha (2007 apud SILVA; FREIRE, 2016, p. 155) explicita: “la força vital] faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e os sociais interajam, formando os elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa”. Ou seja, a AvóCatarina é personagem essencial para que a

cadeia daquela comunidade, a família do personagem narrador, se complete. É ela que tem essa característica híbrida, sempre lembrando os mortos, mas nem sempre convivendo com os vivos. A capacidade da AvóCatarina de transitar entre os mortos e os vivos fica clara aos poucos para o personagem narrador, que ainda é uma criança.

[...] pensei que era boa ideia escrever sobre uma viagem que tinha feito a Benguela, onde o meu TioVictor disse que tinha uma piscina enorme de coca-cola e também que eu tinha ficado com muita pena porque tinham nos dito que a AvóCatarina não podia ir conosco. Mesmo assim fui ralhado outra vez e a minha mãe até foi chamada à reunião de pais porque a camarada professora conhecia a família e disse que até era possível que um tio maluco tivesse enchido a piscina com coca-cola, mas o que era impossível era eu ter escrito que AvóCatarina podia ter ido nos acompanhar, porque a camarada professora sabia que a AvóCatarina já não vivia naquela casa há muitos anos (ONDJAKI, 2009, p. 74).

A partir desse ponto, já está estabelecido o papel da AvóCatarina como elo dessa cadeia. O personagem narrador depara com essa verdade quando faz uma visita ao cemitério e percebe que há mais de um nome no túmulo, além do nome de seu avô.

As letras na campa do AvôMbinha eram muito pequeninas e tinham sido gastas pelo tempo e pelo sol, quase não dava para ler. Havia outro nome lá, não o nome principal mas o nome de família, quis perguntar à AvóNhé quem era, mas ela tinha uma pequena lágrima a cair do olho e eu fiquei calado.

[...]

- Avó, uma mesma campa podem enterrar mais que uma pessoa?
- Sim - ela parou, ficou a olhar para mim com os olhos muito abertos e molhados.
- Eu vi lá dois nomes, Avó.
- Eu sei, filho.
- Está outra pessoa lá enterrada, Avó?
- Está.

O meu coração nesse momento fez um silêncio grande. Eu olhava a AvóNhé nos olhos bonitos dela, a cara dela me dizia que eu podia continuar a fazer mil perguntas que ela ia me responder, mas o meu coração me calou, me tirou as palavras da boca e fiquei sem mais perguntas para fazer. Assim só (ONDJAKI, 2009, p. 81-82).

Nesse momento, ele percebe que não é mais criança e que não verá mais a AvóCatarina: "Nunca mais houve resposta. Nunca mais a AvóCatarina apareceu. Não me disse adeus, nem me avisou que já não podia mais falar comigo, nem que fosse às escondidas sem eu dizer a ninguém" (ONDJAKI, 2009, p. 143). Ainda assim, desempenhando o papel de ancestral presente no cotidiano da família, a AvóCatarina afirma: "Mesmo que não me vejas, eu estou por perto. A vida também é feita de coisas que não sabemos explicar, mas que estão sempre lá" (ONDJAKI, 2009, p. 76). O membro morto da família é um membro não vivo, e não apenas uma lembrança. A morte é parte do ciclo de existência do ser humano, mas não significa o seu fim. Pelo contrário, significa um recomeço, com a sua inserção definitiva na história e convivência diária da família.

3 Guerra

A literatura angolana está intimamente ligada à história do país (CHAVES, 2005, p. 45) e essa está ligada à guerra, que é presença constante na obra de Ondjaki. O próprio autor o confirma em aula (vídeo disponível na internet)²: "Há de fato uma coisa interessante, para mim é interessante, na literatura angolana. É que ela está muito presa ainda, outros anos virão, mas a literatura está muito presa à história de Angola. E a história de Angola, por sua vez, está muito presa à guerra" (ONDJAKI, 2012).

A guerra não aparece aí de maneira ostensiva, mas sutilmente, o que nos fala sobre como a guerra pode ser vista pelos olhos de uma criança. Sua obra não engloba grandes quadros, mas mostra as consequências individuais de grandes conflitos. Isso se dá, ao contrário, por exemplo, em Pepetela, que tematiza a guerra mais claramente em obras como *Mayombe* e até no livro infanto-juvenil, *As aventuras de Ngunga*.

Temos um exemplo desse aspecto corriqueiro dos conflitos e da violência na cena de *Bom dia camaradas* em que o professor pede às crianças para fazerem desenhos, e eles desenham armas:

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19JolQCNrVo&feature=youtu.be>. Acesso em: 21 abr. 2019.

É impressionante, eu costumava observar isso nas provas de EVP desde a quarta classe, toda a gente desenhava coisas relacionadas com a guerra: três pessoas tinham desenhado akás, duas tinham desenhado tanques de guerra soviéticos, outros fizeram makarov's [...] (ONDJAKI, 2014, p.126).

Para compreender melhor o papel das guerras nas obras de Ondjaki, parece necessário contextualizar a história angolana pós-independência, já que o conflito pela autonomia política em relação a Portugal não é representado, apenas a guerra civil que durou de 1975 até 1989, o que pode se dever ao fato de Ondjaki ter nascido em 1977 e as suas obras fazerem referência à infância do próprio autor.

As lideranças do país se achavam divididas em três grupos: o Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), que transforma Agostinho Neto no primeiro presidente do país; a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), com liderança de Holden Roberto; e a União para a Libertação Total de Angola (UNITA) de Jonas Savimbi.

Na véspera da independência, que aconteceu em 11 de novembro de 1975, essas três forças já disputavam nos arredores da capital quem declararia a independência, o que resultou na Batalha de Kifangondo. Como nos conta o autor na citada aula TEDx, a primazia coube ao MPLA e a Agostinho Neto.

No contexto da Guerra Fria e do *apartheid* na África do Sul, forças externas se envolvem na guerra civil com armas, treinamento e até homens (no caso de Cuba). O país fica dividido em três. Ao Norte, havia se estabelecido a FNLA, mais ligada ao grupo bakongo e com apoio dos Estados Unidos e do ditador do Zaire, Mobutu. Ao centro-sul, estava a UNITA, mais ligada aos ovimbundo, com apoio também dos Estados Unidos e da África do Sul de governo branco, que não queria o fim do colonialismo na região. Na capital, havia o MPLA, de orientação marxista, mais universalista, e com apoio de cubanos e da União Soviética. Estima-se em até 20 mil os cubanos em Angola; foi uma cooperação dividida, segundo Ondjaki, entre militares, médicos e professores (embora todos fossem potencialmente militares). Nos livros, a visão que temos é em geral de Luanda,

onde vivem os personagens narradores, o que leva a estarmos mais próximos do MPLA. O autor confirma essa sua proximidade pessoal em vídeo.

Tudo isso aparece já no começo da obra *Bom dia camaradas*, quando o narrador fala das notícias ouvidas no rádio de manhã antes de ir para a escola, comentando acerca da sua frequência e semelhança.

Nós ficávamos um bocado aborrecidos com as notícias, porque eram sempre a mesma coisa: primeiro eram as notícias da guerra, que não eram diferentes quase nunca, só se tivesse havido alguma batalha mais importante, ou a UNITA tivesse partido uns postes. Ai já dava risada, porque todo mundo ia dizer na mesa que o Savimbi era o "Robin dos Postes". Depois tinha sempre algum ministro ou pessoa do birô político a dizer mais umas coisas. Depois vinha o intervalo com a propaganda da FAPLA. Ah, é verdade, às vezes também falavam da situação na África do Sul, lá do ANC, enfim isso eram nomes que uma pessoa ia apanhando ao longo dos anos (ONDJAKI, 2014, p. 23-24).

Ao lado da apresentação cotidiana dos conflitos, vemos a guerra de maneira melancólica, embora não menos real e cruel, devido a suas consequências. Em *Uma escuridão bonita*, a guerra deixa feridas e lembranças dolorosas em quem sobreviveu:

- Achas que pode caber o quê, no coração das pessoas?
- Muitas coisas. Um poema, uma recordação, um cheiro de infância, um "desejo de estrelas"...
- Como é um "desejo de estrelas"?
- É olhar para uma estrela e desejar uma coisa.
- Ainda deseja lá uma coisa para eu ouvir.
- Desejo que o meu pai não tivesse morrido na guerra.
- E eu desejo que os homens nunca mais inventem guerras novas.
- Como se o saco das guerras estivesse vazio?
- Como se tivessem perdido o saco das guerras (ONDJAKI, 2013, p. 22).

O ambiente é de romance e alegria adolescente. Ainda assim, o impacto da perda e da realidade alterada pelas guerras é evidente, como traço da existência das personagens. O trecho dá clara noção de quanto a guerra civil afetou o cotidiano da população e quanta dor ainda causa a falta dos entes queridos. Portanto, podemos perceber a capacidade

de da obra de Ondjaki de problematizar questões sociais e políticas, com abordagem poética.

Por outro lado, temos também o humor, como por exemplo na história do papagaio NomeDele de *AvóDezanove e o Segredo do Soviético*, em que o elemento cômico fica por conta do nome do papagaio, mas também do destino irônico do soldado que o adotou, o que é revelado aos poucos no diálogo:

Esse NomeDele era um jacó antigo de uma idade que ninguém sabia, tinha as asas cortadas e o corpo todo chamuscado e quem lhe trouxe para o quintal da AvóAgnette foi o André, que é comando, e apanhou esse jacó depois de uns combates nervosos mais para sul que a província do Kwanza-Sul. [...]

- Qual é o nome dele?
- É mesmo NomeDele.
- Como é que sabes?
- Foi o nome que lhe demos. O soldado que lhe encontrou tinha esse nome também.
- E onde está esse soldado?
- Morreu nessa explosão onde o jacó escapou (ONDJAKI, 2009, p. 38).

A obra ondjakiana se aproxima e se distancia da representação da guerra na literatura do continente segundo observado por Mazrui (2010, p. 689-692). Assim como outros autores, ele não dá ênfase aos aspectos épicos da guerra, provavelmente, como para esses autores, por se tratar de guerra civil. Mas diferentemente deles, ele não direciona seu tom para o trágico. Na verdade, vemos o prosaico da guerra (no sentido de MORSON; EMERSON, 2008) e seu tom é muitas vezes melancólico. Pode-se atribuir isso ao público alvo dos livros, as crianças, ou à presença delas como protagonistas nos romances.

4 Política

O contexto político se imiscui nas obras de Ondjaki da mesma maneira que a guerra, isto é, sutilmente, nos seus desdobramentos corriqueiros: notícias no rádio, comemorações e desfiles na escola, a presença dos professores cubanos, imigração, racionamentos de energia, alimentos e água. Um leitor brasileiro com pouco conhecimento acerca da história de Angola terá

dificuldade de compreender o contexto político do país. Na já citada palestra sobre as estigas, ofensas e provocações entre crianças de Luanda, o autor comenta com surpresa a presença da atualidade política no discurso infantil, o que de certa forma ele inclui em seus livros.

No título de duas obras (*Bom dia camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético*) temos referências à influência do socialismo e dos soviéticos no país. A difusão de regimes socialistas na África após as independências tem a ver com uma associação do capitalismo com a colonização e o Imperialismo (KI-ZERBO, 2010, p. 597-600). O socialismo era visto como uma alternativa e uma estratégia de descolonização econômica. Era um socialismo adaptado, chamado, por vezes, de socialismo africano, que prezava mais pela centralização política do partido único (como forma de fortalecer o poder central e combater localismos) e pelo dirigismo econômico estatal, enquanto prezava menos pela concepção histórica marxista de revolução e luta de classes (ADEDEJI, 2010, p. 473-478). O marxismo-leninismo só se fortalece com as independências das colônias portuguesas nos anos 1970, época da chamada "era de ouro do marxismo-leninismo" na África (KI-ZERBO, 2010, p. 597-600). Esse é justamente o período representado por Ondjaki.

Na obra *AvóDezanove e o segredo do soviético*, por exemplo, temos a presença dos russos para a construção do mausoléu do presidente Agostinho Neto, chamado na obra de "foguetão". O local da construção ganha importância fundamental no desenrolar do enredo, assim como um dos responsáveis pela construção, que é apelidado pelas crianças de "camarada Botardóv" e uma praia chamada de "praia dos russos".

Já em *Bom dia camaradas* os temas do exílio dos angolanos devido à guerra ou à repressão política e do racionamento ou a falta de viveres coincidem na personagem da tia Dada (ou Eduarda), que vive em Portugal e, em determinado momento, vai visitar o protagonista e sua família. Ela traz presentes para todos, o que causa surpresa ao personagem narrador, como se percebe nesse diálogo logo após a chegada da tia Dada.

- Tia, não percebo uma coisa...
- Diz, filho.
- Como é que tu trouxeste tantas prendas? O teu cartão dá para isso tudo?
- Mas qual cartão? - ela fingia que não estava a perceber.
- O cartão de abastecimento. Tu tens um cartão de abastecimento, não é? - eu, a pensar que ela ia dizer a verdade.
- Não tenho nenhum cartão de abastecimento, em Portugal fazemos compras sem cartão.
- Sem cartão? E como é que controlam as pessoas? Como é que controlam, por exemplo, o peixe que tu levavas? - eu já nem lhe deixava responder. - Como é que eles sabem que tu não levaste peixe a mais?
- Mas eu faço as compras que quiser, desde que tenha dinheiro, ninguém me diz que levei peixe a mais ou a menos... (ONDJAKI, 2014, p. 45).

Essa cena de humor demonstra o choque e a incompreensão do protagonista por meio dos seus questionamentos (os quais já tinham sido repetidos ao menos duas vezes antes no romance). Podemos ter acesso ao cotidiano da população de Luanda, submetida a escassez naquele momento.

A cena da chegada da tia Dada ao aeroporto é aproveitada para mostrar o clima político tenso na época, com a narração de um episódio em que milicianos das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola, um braço armado do MPLA (FAPLA) agem truculentamente com o que aparenta ser um casal de turistas tirando fotos, confundidos com repórteres.

[...] começou uma pequena confusão, o outro FAPLA chegou perto do marido da senhora e tirou-lhe a máquina das mãos. Dava para ouvir mais ou menos a conversa, o senhor estava a tentar falar português, o FAPLA estava chateado, abriu a máquina assim de repente, tirou o rolo, deitou fora. Aí acho que a senhora começou a chorar, mas perceberam que aquilo era sério. Coitados, eles não deviam saber que em Luanda não se podia tirar fotografias assim à toa (ONDJAKI, 2014, p. 36).

Outro exemplo de situação periclitante se passa quando o protagonista vai com a tia Dada à praia e encontra a mesma FAPLA. O desconhecimento da situação política por parte de Eduarda coloca em risco a vida dos personagens:

O camarada João encostou o carro imediatamente no passeio, travou, desligou, pôs ponto morto e saiu do carro. Eu sai também do carro, só que a tia Dada nunca mais saía. Eu vi lá longe os mercedes a virem bem lançados e estava preocupado porque a tia Dada nunca mais saía do carro. Como já era tarde pra dar a volta, e nunca se podia correr nestas situações, falei-lhe pela janela:

- Tia, tia!, tens que sair do carro, rápido.

[...]

- Dona Eduarda, por favor, sai só do carro... - o camarada João falava tipo tava com febre.

[...]

- Ó filho, que cerimónia!

- Pois... Escapaste é ver a cerimónia de tiros que ia haver se algum FAPLA te visse a mexer, parecia que tavas a dançar, ainda por cima ias pôr o chapéu...

- Mas sempre que o presidente passa vocês têm que ficar em sentido? - ela estava mesmo espantada.

- Não é bem sentido, mas tens que sair do carro para verem que não estás armada ou que não vais tentar alguma coisa... - eu parecia que também tinha ficado a transpirar (ONDJAKI, 2014, p. 50-52).

Percebemos como o cotidiano da população é afetado pela situação política de Angola. As pessoas têm de aprender a conviver com a repressão política e o medo, ainda que não participem ativamente de nenhum movimento ou organização política ou que estejam apenas visitando o país.

Não apenas os seres humanos são afetados pela realidade política e seus desdobramentos, mas também os animais. Em *AvóDezanove* "As galinhas reclamavam de um milho que não aparecia há três dias, andavam só a comer o pão que ficava duro e cascas de batata que tinham sobrado da casa de alguém." (ONDJAKI, 2009, p. 74). E, como citado anteriormente, nessa obra a falta de água para suas plantas não faz com que a avó deixe de perseverar na luta cotidiana e no desejo de fazer o bem, ainda que limitado, e para incompreensão do protagonista, pois "regar faz bem às plantas mas também faz muito bem a quem rega. Mesmo sem água de verdade, como tu dizes" (ONDJAKI, 2009, p. 114).

Há, também, os apagões constantes, que geram tanta apreensão às personagens de *Os da minha rua* por perderem o capítulo da novela

brasileira do dia (ainda que isso abra espaço à imaginação para continuar a história), e que possibilitam o Cinema Bu em *Uma escuridão bonita*.

A coisa mais bonita do Cinema Bu é que cada um pode encontrar ali as memórias, os sonhos, e os futuros que mais deseja. O carro fez a curva devagar, as sombras das árvores, dos morcegos, as nossas próprias sombras mais a sombra da mão dela a mexer no cabelo, tudo ganhou nova dimensão projetada na parede. Era difícil não abrir a boca de espanto, pois aquele cinema, veloz e pobre, tinha que ser vivido num tempo mais curto que a chama dum fósforo noturno. E valia ver tudo [...] (ONDJAKI, 2013, p. 82-85).

O que observamos é que o autor prefere destacar os aspectos cômicos ou sublimes das dificuldades cotidianas ou ainda a transformação dessas em algo positivo, ao demonstrar a força e a resiliência de suas personagens. A situação só muda quando passa a envolver o contato com as esferas oficiais e militares, como as FAPLA.

Considerações finais

Ondjaki é um escritor que se insere na tradição literária de Angola e que a honra. Alguns dos temas presentes na sua obra, discutidos neste artigo, embasam essa afirmação. Ao privilegiar o ponto de vista da criança nos romances mencionados, o autor consegue tratar temas de grande complexidade com leveza.

Os ancestrais na obra de Ondjaki se inserem na vida familiar com forte presença e são respeitados como membros atuantes na sociedade. Diferentemente do que acontece em muitas sociedades, a ancestralidade nas sociedades africanas é tratada com respeito e deferência, e isso transparece nas obras aqui discutidas.

Apesar da crueldade da guerra e dos traumas causados por ela, Ondjaki consegue inseri-la em suas obras com sutileza e até mesmo humor. No universo da criança, a guerra aparece no trauma pela perda de entes queridos, no imagético (nos desenhos feitos na escola), e também na vida cotidiana (noticiários pelo rádio; o aparecimento de um papagaio).

O contexto político está marcado nos romances de Ondjaki pela presença de forças internas e externas que compuseram o cenário angolano

principalmente durante a guerra civil, período em que são ambientadas as obras. A presença de forças internas se traduz pelos FAPLA e a presença externa, por cubanos e russos a trabalho no país.

Podemos concluir que a escolha de um personagem narrador criança e o alto teor poético da linguagem utilizada possibilitam ao autor tratar temas complexos de maneira sensível e até mesmo otimista. Sem diminuir a seriedade de tais temas, Ondjaki consegue dar a eles uma dimensão humana e privilegiar experiências pessoais, quase autobiográficas, para contar histórias da maneira como acredita que uma criança contaria.

Referências

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2005.

HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos do cão tihoso*. Sociedade de Imprensa de Moçambique, 1964.

KI-ZERBO, Joseph; MAZRUI, Ali; WONDJI, Christophe. Construção da nação e evolução dos valores políticos. In: MAZRUI, Ali; WONDJI, Christophe. *História geral da África*, VIII: África desde 1935. Tradução de Luís Hernan de Almeida Prado Mendoza. Brasília: UNESCO, 2010. p. 597-600.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, São Paulo, n. 18-19, p. 103-118, dez. 1997.

MACHADO, Ana Maria. *Contra corrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 2001.

MAZRUI, ALI. *et al.* O desenvolvimento da literatura moderna. In: MAZRUI, Ali; WONDJI, Christophe. *História geral da África*, VIII: África desde 1935. Tradução de Luís Hernan de Almeida Prado Mendoza. Brasília: UNESCO, 2010. p. 689-692.

MORSON, Gary; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

ONDJAKI. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

ONDJAKI. *Avó Dezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ONDJAKI. *A bicicleta que tinha bigodes*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

ONDJAKI. *Uma escuridão bonita*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ONDJAKI. *Literatura angolana hoy*: Uvigo. Publicado no canal Uvigo, 9 abr. 2012. 1 vídeo (51 min 21 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19JolQCNR-Vo&feature=youtu.be>. Acesso em: 21 abril 2019.

ONDJAKI. *Estigas: the place of creativity*. Publicado no canal TEDx Talks, 16 out. 2014. 1 vídeo (18 min 22 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O-v5AXbUUf70>. Acesso em 21 abril 2019.

PADILHA, Laura Cavalcanti. *Entre voz e letra: o lugar da anc estralidade na ficção angolana do século XX*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

RUI, Manuel. *Quem me dera ser onda*. Editorial Caminho, 1982.

SILVA, Ana Cláudia da. A resistência da poesia angolana na literatura infantil de Ondjaki. In: PANTOJA, S.; BERGAMO, E.; SILVA, A. (org.). *África contemporânea em cena: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Intermeios, 2014. p. 19-25.

SILVA, Ana Cláudia da; FREIRE, Anna Isabel Santos. Avós de Angola. In: PANTOJA, S.; BERGAMO, E.; SILVA, A. (org.). *Angola e as angolanas*. São Paulo: Intermeios, 2016. p. 153-161.

Rachel Lourenço

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura (Póslit) pela Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil; professora da Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil.

Jorge Morais

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura (Póslit) pela Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil.

Endereço para correspondência

Rachel Lourenço
Universidade de Brasília/ Campus Universitário Darcy Ribeiro
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
ICC, Ala Sul, Sala B1 167/63,
Asa Norte, 79910900
Brasília, DF, Brasil

Jorge Morais
Universidade de Brasília/ Campus Universitário Darcy Ribeiro
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
ICC Ala Sul, Sala 90,
Asa Norte, 79910900
Brasília, DF, Brasil